

COLUNA DO CASTELLO ■ MARCELO PONTES

À espera do pulo do gato

O governo mais forte eleito nos últimos tempos ainda está perdido dentro do Congresso mais desgastado da história recente. Se tem mão forte na economia e consegue sobreviver, mesmo chamuscado, ao fogo cruzado da especulação financeira, como aconteceu na semana passada, demonstra tão espantosa fragilidade na articulação política que parece estar sofrendo em 70 dias um desgastê de 700.

O esforço tremendo de preparação do governo para montar uma ampla base parlamentar resultou até agora apenas nisso: numa base. Se alguém acha que resultou também na criação de um Conselho Político, pergunte-se o que já resultou desse tal conselho. O conselho é uma firula dentro de um modelo novo de gestão empresarial inaugurado pelo governo.

Quando o inventou, o presidente Fernando Henri-

que queria valorizar os partidos. Cometeu apenas um engano: ainda não existem partidos no Brasil. Logo, esse Conselho Político também não existe. A melhor maneira de medir a sua importância é acabar com ele. Com toda certeza, o país e o governo não piorarão.

De que adianta também ter um conselho que diz amém no Palácio do Planalto e no Congresso dá rasteiras no governo? A inesperada aprovação no Senado da lei de regulamentação dos juros de 12% anuais é uma prova dessa rasteira. O PMDB quase todo, o PTB todinho, mais da metade do PP e quase a metade do PFL votaram a favor dessa lei, que além de ser tida como uma aberração, por querer regular algo tão volátil como a lei da oferta e da procura, golpeia o governo precisamente na hora em que está querendo atrair, e não espantar, investimentos estrangeiros.

A aprovação dessa lei foi apenas um recado de que os aliados do governo são gulosos e estão insatisfeitos. Por trás do recado, há dois nomes e uma manobra fracassada. Os nomes são os de José Sarney, presidente do Senado, e Jáder Barbalho, líder do PMDB. A manobra fracassada é a do alcapão em que o governo pensou capturar o maior partido no Congresso, o PMDB.

Foi Sarney quem pôs o projeto em pauta. Alegou que sua missão é limpar a gaveta de projetos pendentes e que havia recebido três cartas do presidente do Supremo Tribunal Federal, comunicando

que mandados de injunção o obrigavam a votar logo a lei dos juros. Foi o governo que não se cuidou, desculpa-se Sarney. Mas Sarney também não cuidou do governo. Ou ele não é um aliado? Quanto a Jáder Barbalho, é o maior líder de oposição ao governo, embora também seja da coligação governamental.

Isso mostra como o governo está capenga no Congresso. Desdobreu-se para garantir o apoio do PMDB. O que conseguiu foi que o PMDB momentaneamente deixasse de lado as suas desavenças internas para fustigar o governo. Submeteu-se ao maior desgaste na época da campanha eleitoral para ter o PFL ao seu lado. Seria a garantia da governabilidade, e em nome dela alguns tucanos foram afogados no mar. Mas na hora em que o líder do PMDB no Senado ataca a medida provisória que autoriza a Previdência a tapar o seu rombo com os recursos da seguridade social, o líder do governo no Senado, Elcio Álvares, que é do PFL, ficou calado. Simplesmente não tinha sido avisado pelo governo dessa polêmica medida provisória, e não sabia como justificar o ato do presidente.

Esta é outra marca dos desencontros com o Congresso: os líderes do governo estão mais perdidos do que o governo. Em primeiro lugar, porque se perdem em duas pontas da Praça dos Três Poderes. Em segundo, podem ter boa vontade e bom diálogo, mas não têm intimidade com o gover-

no. Por último, o governo não os ajuda a ter essa intimidade.

Como se fosse pouco, o partido de origem do presidente da República, o PSDB, está em frangalhos. Suas bancadas estranham o próprio governo em cujo rastro se elegeram. Para completá-lo, o presidente do partido, Pimenta da Veiga, renunciou.

O PSDB está vivendo agora as conseqüências do afastamento de suas grandes lideranças. Fernando Henrique foi para o Palácio do Planalto, José Serra para o Planejamento, Mário Covas para o governo de São Paulo, Tasso Jereissati para o governo do Ceará e Ciro Gomes para Harvard. Pimenta da Veiga só poderia ir para o lugar onde já estava desde que percebeu há algum tempo não ter força nem no partido nem no governo: o sítio.

Sequer a escolha do ministro Sérgio Motta como desafeto serviu a Pimenta. Ele queria trocar Sérgio Motta na secretaria geral do PSDB por Saulo Queiroz, que é muito ligado ao presidente do PFL, Jorge Bornhausen. E hoje o maior pavor do PSDB é que o governo caia todinho nos braços do PFL de Bornhausen e Antônio Carlos Magalhães. Se o PFL, nesse tumulto todo, está quietinho, não é para o PSDB sinal de competência política. É apenas a espera do pulo do gato. É neste clima de desacertos e desconfianças que marchamos para a reforma constitucional.